



ATMOSFERA INSALUBRE

## Poluição prejudica saúde mental

Idosos que residem em áreas com ar poluído têm mais risco de depressão

PARA  
ACESSAR  
APONTE  
O CÉLULAR  
PARA  
O QR CODE

LUCAS TAVARES

Lentidão. Após demora em liberação do Ministério da Saúde e falta de estoque, imunização contra Covid-19 em crianças de 6 meses a 4 anos ainda sofre com entraves e resistência dos pais à vacina

# AVANÇO PEQUENO

## Vacinação contra Covid em crianças com até 4 anos enfrenta obstáculos

ELISA MARTINS E  
MARIANA ROSÁRIO  
saude@oglobo.com.br  
SÃO PAULO

Depois da falta de vacinas pediátricas contra a Covid em vários postos de saúde país afora, o envio de novas doses pelo Ministério da Saúde nas últimas semanas pode permitir o avanço da imunização de crianças de 6 meses a 4 anos. Mas ainda há outros obstáculos a vencer. A hesitação que levou à baixa adesão da vacinação em maiores de 5 anos também afeta os mais novos, que só foram incluídos na campanha vacinal no segundo semestre do ano passado.

Levantamento feito pelo GLOBO com secretarias municipais da Saúde mostra que a maioria das capitais brasileiras relata ter recebido novas remessas, mas o ritmo da vacinação ainda é lento. E isso preo-

cupa porque, apesar dos indicadores nacionais de Covid em queda, crianças pequenas são suscetíveis a desenvolver casos graves, e a proximidade da temporada de outros vírus respiratórios reforça o alerta.

— Menores de 4 anos, sobretudo os com menos de 1 ano, têm mais risco de internação e morte por Covid. Essa faixa foi justamente a que não registrou a mesma queda de casos vista em outros grupos desde o fim de 2022. Vacinar é essencial — afirma a pediatra e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), Isabella Ballalai.

Como de praxe ao longo da pandemia, algumas secretarias de Saúde não informaram dados completos e atualizados sobre a imunização. Mas afirmaram que a falta no estoque impactou o avanço da vacinação.

Teresina, por exemplo, começou a imunizar os pequenos contra a Covid em agosto do ano passado. A faixa etária com mais vacinados é a de 3 e 4 anos, mas apenas 8% receberam duas aplicações, índice que cai para 2% na faixa entre 6 meses e 2 anos. A capital piauiense relata problemas de estoque.

O mesmo ocorreu em Recife, que suspendeu a vacinação de crianças diversas vezes desde novembro. A cobertura com duas doses é de 2,4% dos bebês de até 2 anos, 8,9% das crianças de 3 anos e 14% das de 4 anos. São Paulo, por sua vez, diz que mais de 110 mil crianças de até 4 anos receberam duas doses. A maioria (89%) é de crianças de 3 e 4 anos. No caso dos bebês, ainda foi preciso enfrentar escassez de doses em janeiro, agora debelada.

Em Manaus, outro problema: somente um terço das 15 mil crianças de 3 e 4 anos com a primeira dose foram tomar a segunda. No Rio de Janeiro, a cobertura vacinal com duas doses atinge somente 8% das crianças até 4 anos com comorbidades. Segundo a secretaria Municipal da Saúde, “novos calendários de vacinação serão divulgados oportunamente”, no caso dos pequenos sem comorbidades.

Em Curitiba, a prefeitura informa que só 3% das crianças com até 3 anos de idade receberam alguma dose de vacina. Outras capitais, como Goiânia, São Luís e Vitória, dizem que os problemas de estoque foram resolvidos, mas a cobertura vacinal também é baixa.

— Não dá para contar apenas com a imunidade de quem teve a doença. Hoje sabemos que a melhor resposta imune é

a chamada proteção híbrida: doença natural mais vacina. E as crianças praticamente não foram vacinadas — afirma a infectologista Rosana Richtmann, do Instituto Emilio Ribas, em São Paulo.

### HESITAÇÃO E SEGURANÇA

O esquema de vacinação de crianças de 6 meses a 4 anos, lembra ela, é diferente do de adultos, com uma quantidade bem menor de antígeno, responsável por reagir com os anticorpos e ajudar na resposta do nosso sistema imune.

— O imunizante da Pfizer para adultos tem 30 microgramas de antígeno por dose. A Pfizer baby tem 3. É uma vacina segura, aplicada em três doses — explica a infectologista.

Em entrevista recente ao GLOBO, o novo diretor do Departamento de Imunização e Doenças Imunopreveníveis

do Ministério da Saúde, o infectologista Éder Gatti, garantiu que há doses suficientes, e que agora é preciso estimular a população a se vacinar. Atual gestor do Programa Nacional de Imunização (PNI), ele não soube dizer qual o quantitativo de doses necessário para encerrar de vez o gargalo na vacinação dos pequenos. Isso depende, explica, do ritmo de vacinação de cada lugar, para evitar desperdício de aplicações.

Para além do entrave logístico, há que se vencer a hesitação dos pais, ressalta Marco Aurélio Sáfiadi, professor da Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo:

— Houve um prejuízo, nos últimos anos, em relação à credibilidade das vacinas. Será algo difícil de recuperar. Tudo isso baseado em notícias mentirosas ou mal interpretadas. As pessoas replicaram dados sem o refinamento necessário para entendê-los. Agora, os pais estão hesitantes, mesmo que não sejam apoiadores políticos de quem descredibilizava a vacina. No consultório eles trazem dúvidas, inseguranças.

O desafio não é exclusividade brasileira. Nos Estados Unidos — onde proliferam grupos antivacina — a imunização também caminha a passos lentos, e não por falta de doses. Um levantamento da The Henry J. Kaiser Family Foundation mostrou que 43% dos pais definitivamente não vão vacinar seus filhos com menos de 5 anos. A total aceitação da vacina atingia 17% dos respondentes. Outros 27% diziam que devem esperar para ver se iriam vacinar ou não, e 13% só ofereceriam as injeções se fossem demandados pela escola ou creche. O dado foi colhido em junho de 2022, mas dá o tom da imunização claudicante do país até aqui.

Números como esses expõem a perigosa combinação entre baixa percepção de risco da doença e medo de eventos adversos da vacina. Mas a Covid não deve ser menosprezada, reforça a infectologista Rosana Richtmann:

— Pode somar meningite, pneumonia, diarreia. Nenhuma doença matou mais crianças no Brasil nos últimos dois anos do que a Covid.

A circulação de outros vírus respiratórios, como influenza e sincicial, amplia o alarme.

— Quanto mais vírus respiratórios circulando, maior é a dificuldade para o diagnóstico e o risco de gravidade para essas crianças — diz a pediatra Isabella Ballalai.

## CIÊNCIA

Natalia Pasternak  
Microbiologista, presidente do IQC,  
professora na Universidade de Columbia  
(EUA) e FGV-SP e autora dos livros *Ciência  
no Cotidiano e Contra a Realidade*

### Nova gripe aviária?

O que uma alta de 400% no preço dos ovos nos Estados Unidos tem a ver com leões marinhos morrendo no Peru? Nos EUA, quem tem no ovo a principal fonte de proteína animal barata levou um susto no final de 2022. O preço da dúzia saltou de US\$ 1 em janeiro de 2022 para quase US\$ 5 em dezembro!

As focas peruanas e o omelete americano foram ambos vítimas de um surto de gripe aviária causada pela H5N1 do vírus influenza, que matou 58 milhões de galinhas nos EUA, segundo o Ministério da Agricultura de

lá, seja porque morreram da doença ou porque foram abatidas para conter o contágio. O vírus também infectou mamíferos na América do Sul. O Serviço Nacional de Saúde Agrária do Peru reportou mais de 500 leões marinhos e 55 mil aves silvestres mortos. Recentemente, o H5N1 foi detectado em uma criação de vison (pequeno mamífero cuja pele é usada em casacos de luxo) na Espanha.

O H5N1 foi detectado pela primeira vez em 1996, em uma criação de gansos na China. No ano seguinte, um surto em Hong Kong, iniciado em animais de criação, fez vítimas humanas, mostrando tratar-se de um vírus de potencial pandêmico. Até hoje, esse potencial não se realizou: nas últimas décadas, todas as pessoas contaminadas pelo H5N1 tinham tido contato com animais infectados, que foram abatidos.

Em 2005, o vírus saltou para aves migratórias, e desde então vem se espalhando pelo mundo. Em 2022, foi detectado em aves de criação e em animais silvestres nas três Américas, com maior impacto nas granjas americanas. Também na criação de visons na Espanha.

No caso espanhol, há indícios de transmissão entre os animais, o que sugere que o vírus tornou-se capaz de saltar de um ma-

mífero para outro. É uma etapa no caminho de tornar-se contagioso também entre humanos, o que até agora não aconteceu.

No entanto, nunca antes o vírus esteve tão espalhado. Adaptação é uma questão de probabilidade: quanto mais o vírus se replica, mais chance de sofrer mutações. Quanto mais mutações, maiores as chances de que uma delas permita o salto de uma espécie para outra.

Até hoje, esse vírus jamais conseguiu tornar-se realmente perigoso para humanos. Mas as condições ambientais no mundo aumentam muito a chance de que isso acabe acontecendo. Há criações confinadas de aves onde o H5N1 pode se replicar e interagir com pessoas. Há aves migratórias levando o vírus para toda parte, fazendo ponte para a contaminação de outros animais que convivem com seres humanos, como aconteceu com os visons da Espanha.

A criação comercial de animais suscetíveis ao vírus é o principal problema. Os animais infectados precisam ser mortos. Isso eleva o

preço dos produtos derivados. Grande parte das vacinas para gripe no mundo são feitas em ovos. Imagine o estrago se as criações destinadas a fornecer os ovos para vacinas forem contaminadas e tiverem de ser destruídas.

Algumas medidas podem ser tomadas para reduzir o risco de uma pandemia: a primeira seria repensar a criação de vison para o mercado de peles. Trata-se afinal de mercado de luxo, não essencial, e esses animais podem acabar se tornando um intermediário onde vírus podem se replicar e ganhar oportunidade de infectar humanos. Em 2020 e 2021 foram registrados diversos surtos de coronavírus em fazendas de vison na Europa. A Holanda decidiu eliminar as criações até 2024. A Dinamarca teve que abater todos os visons em 2020.

Uma estratégia complementar é vacinar as aves de criação. China e Indonésia já fazem isso. Investir em testes diagnósticos para fazendas também pode ajudar muito a melhorar a vigilância sanitária. Não fazer nada, confiando que todos os surtos do futuro serão controlados como os do passado, só com abate em massa de animais, e que a mutação que pode tornar o vírus uma ameaça para humanos jamais acontecerá, é dar muita sopa (de galinha) para o azar.